

O PROBLEMA DA TRADUÇÃO: TRADUTTORE, TRADITORE ?

[...] 'ao fim de alguns instantes, as chammas subitamente reanimadas' foi traduzido: 'ao fim de alguns instantes, tudo o que nela o chamava, se acordou' (com certeza a tradutora vendo 'chammas' achou que se tratava do verbo chamar). Aonde ponho: 'o pai estava despenteado', a tradutora põe: 'o pai estava sem fôlego'. [...]. Eu escrevi no original: 'Fiquei tonta, disse ela'. A tradutora traduziu: 'Fiquei estúpida, disse ela'. (A tradutora deve conhecer melhor o espanhol e tonto em espanhol quer dizer mais ou menos estúpido.)[...] Imaginem que escrevi, em má hora, no original: 'a boca em forma de muchocho'. E sabem como ela, toda engraçadinha traduziu? Assim: 'la bouche en cul-de-poule'.[...] Sem falar, em liberdades engraçadas que ela tomou. Eu escrevo: 'a criada' e ela traduz: 'a criada preta' – sendo que em nenhum pedaço do livro se fala em nenhum criado negro. [...] Então vou procurar esquecer que o livro foi traduzido.

(Carta de Clarice Lispector, indignada, reclamando da tradução francesa de um de seus livros)

Professora Marina C. Moreira Cezar

No primeiro semestre deste ano, uma revista de grande circulação no país¹ comemorou o fato de uma das principais ferramentas de busca do mercado - o Google - considerado o gigante da internet, ter disponibilizado a tradução quase instantânea de textos para

52 línguas, entre elas a língua portuguesa, atingindo no total cerca de 1,7 bilhão de pessoas, e com estimativa de chegar a 250 idiomas em dez anos. Segundo a revista, este fato equivaleria a colocar o leitor diante de um macrocosmo cultural, uma biblioteca infinita, onde ele descobriria maravilhado que todas as publicações estão em português.

¹ Veja, *A língua do Google*. São Paulo: 5 mai 2010.



Nos últimos anos, linguistas conceituados e especialistas em inteligência artificial vêm apontando o papel destacado dos tradutores digitais em áreas como as de ciência, tecnologia, economia e turismo, uma vez que 90% dos conteúdos de alta qualidade nesses campos estão em inglês. De acordo com estes estudiosos, o primeiro estágio da tradução universal está bem avançado, pois, embora ocorram alguns tropeços gramaticais nas construções das sentenças, os textos apresentados permitem a compreensão do assunto tratado (o que seria melhor do que nada).

É verdade que pessoa alguma, em sã consciência, pode negar a importância da tradução, especialmente em um país como o Brasil, onde muitas pessoas só falam a língua materna, e as redes sociais, como o Orkut, o Twitter e o Facebook, têm 24,693 milhões, 5,945 milhões e 5,006 milhões de usuários, respectivamente².

O problema do texto traduzido, no entanto, é mais complexo.

E quando o texto não é informacional, ou instrucional, isto é, não se funda na linguagem cotidiana, não pertence ao campo da referencialidade, mas ao da literatura, espaço das impossibilidades, da língua desautomatizada, em que a transgressão é a norma, e o leitor é instado a preencher as lacunas propostas, a completar os silêncios, a se apossar da escritura? A tradução, nesse caso, pode ser fiel ao texto original?

Pedagogicamente, é importante que se ressaltem o valor e a necessidade de uma boa tradução, ou de uma boa adaptação, especialmente quando a obra for direcionada aos jovens, leitores ainda em formação, que devem ser incentivados a procurar informações e outros textos do escritor (ou do tradutor, ou do adaptador), e a elaborar suas próprias seleções textuais, aprendendo a tomar decisões, tornando-se mais independentes.

Um dos maiores escritores brasileiros contemporâneos, Carlos Heitor Cony, ao defender a necessidade de se adaptar os clássicos (nacionais, ou estrangeiros), para que as jovens gerações tenham acesso às grandes histórias³, admite que nenhuma adaptação substitui o texto original. Sua função, de fato, consiste em servir de veículo para a leitura da obra no original, porque, geralmente, é com ela que os jovens se iniciam nos textos clássicos.

² O Globo, Caderno de Economia. *O que está acontecendo?* Rio de Janeiro: 26 mai, 2010, p.23.

³ Entrevista, disponível em, <http://www.unicamp.br/iel/memorial/projetos/teses/tese5b.doc>; acessado em 10 mar., 2010)

Confessa ainda o escritor, nessa mesma entrevista, que ser um bom adaptador não implica, necessariamente, ser um bom tradutor:

Desde 1962, eu escrevia prefácios para os livros de bolso da Ediouro, que se chamava Tecnoprint na ocasião; então intensifiquei esta atividade. Não fui diretamente para as adaptações, fui inicialmente para fazer prefácios, introduções. Depois me pediram para fazer traduções, mas não sou bom tradutor. Comecei com Tom Sawyer, de Mark Twain. Fiz uma tradução do original, tradução mesmo. Como não sou fluente em inglês, pedi ajuda à primeira mulher do Antonio Callado, uma inglesa, e ela me ajudou muito. Depois dessa tradução é que a Ediouro me pediu uma versão para o público juvenil. As aventuras de Tom Sawyer, portanto, foi minha primeira adaptação. Usei minha própria tradução como base e aí fui cortando as gorduras do livro, deixei sequinho, enxuto no ritmo ágil da garotada. Foi o começo para valer dessa nova atividade, a de adaptador profissional.

A adaptação chegou a ocupar um espaço bem significativo nos anos 70, quando era bastante comum, autores respeitados, como Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga e Rachel de Queiroz, por necessidades financeiras, dedicaram-se a fazer adaptações de obras clássicas estrangeiras e mesmo nacionais.

Nos dias atuais, apesar de o adaptador desfrutar de um reconhecimento profissional, um determinado status, já que se atribui a ele uma coautoria (ao contrário do tradutor), o papel da adaptação é bastante controvertido, e não é raro o conceito de adaptação estar associado à simplificação, ou ao empobrecimento, dos textos originais.

Alguns docentes, favoráveis aos textos traduzidos e/ou adaptados, declaram ser de fundamental importância colocar o estudante em contato com os clássicos da literatura universal, que lhe revelam um universo novo, de culturas diferentes, com visões multifacetadas, diversificadas, o que ajudaria o jovem a compreender melhor o mundo e a si mesmo.

Argumentam também que há casos nos quais o trabalho do tradutor, além de merecer elogios, ajuda a

enriquecer a obra original, como as traduções feitas por Monteiro Lobato, *Pollyanna*, de Eleanor H. Porter; Machado de Assis, *O corvo*, de Edgar Allan Poe; Mario Quintana, *À sombra das raparigas em flor*, de Marcel Proust; e Eça de Queiroz, *As minas do rei Salomão*, de Henry Rider Haggard, por exemplo.

Sem negar o valor dessa posição, não se pode esquecer que os textos, escritos em outra língua que não a portuguesa, embora traduzidos por escritores de tal porte, não deixam de ter uma certa especificidade, uma vez que foram escritos originalmente em outra língua histórica (alemão, francês, inglês, italiano, espanhol, v.g.).

A professora Leyla Perrone-Moisés, tradutora dos livros de Roland Barthes, ao discutir a questão da tradução, afirma que “traduzir é entrar na dança” e acertar o passo é necessário, pois novo corpo vai entrar nessa dança, “com os meneios próprios de uma outra língua”:

[...] para o escritor, a língua não é uma mina de riquezas ou um repertório de possibilidades; a língua é insuficiência e resistência. Isso pode servir de consolo ou de ânimo, para o tradutor, que tende frequentemente a crer que a segunda língua é carente ou imprópria, confrontada aos desempenhos do texto em sua língua original. Se não é fácil, para o tradutor, achar o dizer exato, também não o foi para o escritor, ao enfrentar sua própria língua. Traduzir é recomeçar a luta da escritura para transformá-la novamente em dança. A única vantagem do tradutor, é que ele dispõe de uma coreografia previamente traçada. (2004:65-66)

Assim, não obstante a construção do sentido poder ser mais, ou menos, recuperada, segundo a maior, ou

menor, competência do tradutor e do interlocutor, o estudante não estará tendo acesso aos recursos linguísticos, como a expressividade rítmica, a sonoridade, as assonâncias, as aliterações, os jogos imagísticos, os jogos de palavras, as combinações dos vocábulos nas estruturas frasais, recursos trabalhados esteticamente por Lewis Carroll, Emily Dickinson, Pablo Neruda, Marcel Proust, Fiódor Dostoiévski, ou Jorge Luis Borges, mas a um outro texto, fruto da reelaboração, da reescritura, do trabalho de quem faz a tradução.

Visto que “a tradução recontextualiza a obra literária original, gerando outras imagens – reescrevendo-as numa outra realidade na qual é percebida”, esclarece Amorim (2005:29), “seria ingenuidade assumir que o tradutor não se faça presente nos textos que são publicados como tradução” (idem:125).

Preocupadas com essa situação, muitas editoras elaboram cuidadas publicações bilíngues, como *O engenhoso fidalgo, D. Quixote de La Mancha, de Cervantes* (trad. de Sérgio Molina), *Parmênides* (trad. de Maura Iglesias e Fernando Rodrigues), os textos de T. S. Eliot (trad. de Ivan Junqueira) etc., que, ao lado da tradução, trazem o texto original, permitindo ao leitor, dessa forma, confrontar as escrituras (o que torna mais produtiva a sua leitura), enquanto lhe desenvolve a percepção estética.

O certo é que, mesmo com o avanço das mais recentes ferramentas de tradução automática, fundamentadas em princípios ancorados em estudos da área de inteligência artificial (associando palavras e números; linguística e matemática) e o constante aperfeiçoamento das mais novas mídias digitais: celulares, iPads, e-books, e.g., na área da arte verbal, em que há um jogo dialógico com o interlocutor, e as palavras carregam uma grande complexidade intrínseca, rompendo os limites da significação, atingindo espaços insuspeitados, iluminando novas possibilidades de se perceber a realidade, o problema da tradução ainda se configura de difícil solução.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carol, e Kim, de Rudyard Kipling. São Paulo: UNESP, 2005.

PERRONE-MOYSÉS, Leyla. Lição de casa. In: Barthes, Roland. *Aula*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. Coseriu e a linguística do texto. *Confluência*. Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 25-26, p. 24-35, 2003.